

Cadernos de estágio

# Jogos teatrais e multissensorialidade: uma experiência com crianças no estudo do teatro oriental tradicional japonês

*Milena Josiene De Araújo<sup>1</sup>*

*Vitória Mayrlla Pires Felix<sup>2</sup>*

*Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto<sup>3</sup>*

*Jefferson Fernandes Alves<sup>4</sup>*

## Como citar este texto

ARAÚJO, M. J. de; FELIX, V. M. P. .; NETO, R. B. de O. .; ALVES, J. F. . Jogos Teatrais e Multissensorialidade: : Uma experiência com crianças no estudo do teatro oriental tradicional japonês. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38672](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38672).



Este trabalho relata a experiência realizada no Estágio Supervisionado para Formação de Professores III do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nossa experiência anterior nos Estágios I e II foram realizadas em uma escola vinculada à Secretaria de Estado da Educação do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte (SEEC/RN) com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. No Estágio III tivemos a oportunidade de atuar junto às crianças do 2º ano do Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância – Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAP/UFRN). O NEI é uma escola de inovação pedagógica para as infâncias e contribui com a formação inicial e continuada de professores. O estágio foi realizado no contexto do projeto “Corpo, Arte Contemporânea e Multissensorialidade”, coordenado pelos professores Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto (NEI-CAP/UFRN) e Jefferson Fernandes Alves (CE/UFRN), articulando ações de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto teve como objetivo refletir sobre o ensino de Arte na infância na perspectiva da educação inclusiva, considerando experimentações multissensoriais a partir da exploração da corporeidade dos estudantes com e sem deficiência, contribuindo com a formação dos estagiários no movimento de reflexão-ação. Nas etapas do projeto, os

graduandos entraram em contato com pesquisas sobre a multissensorialidade, educação inclusiva e arte contemporânea. Além do diálogo com os professores do NEI-CAP, os estagiários entraram em contato com outros professores de escolas públicas por meio das ações extensionistas. Já no ensino, desenvolveram oficinas com as crianças do Colégio de Aplicação, sob supervisão dos professores.

As ações do projeto intercalaram atividades de estudo, observação, planejamento, formação e extensão. Participamos de encontros virtuais, em que professores e professoras do NEI nos instruíam sobre a escola, sobre o seu funcionamento e sobre a abordagem multissensorial, no intuito de orientar os estagiários para as intervenções em sala de aula. Logo após esses encontros, iniciamos a atividade em campo que foi dividida em atividades de observação e de intervenção, buscando desenvolver atividades teórico-práticas, no intuito de promover sequências didáticas que fomentassem a educação teatral inclusiva. Nesse sentido, tendo em vista a pluralidade multicultural das pessoas na sociedade que estamos inseridos, é de suma importância desenvolver projetos que pensem, na prática, como abarcar a multissensorialidade nas atividades pedagógicas e na inclusão de todos os estudantes. Sendo assim, neste trabalho, faremos uma análise do percurso experienciado, desde os momentos virtu-

ais, passando pela observação e mediação pedagógica na intervenção prática, abordando as adaptações dos jogos teatrais por meio da multisensorialidade.

## 2. O ESTÁGIO NO NEI-CAP: DA VOZ DAS CRIANÇAS NA PESQUISA À EXPERIÊNCIA MULTISSENSORIAL NO TEATRO

### 2.1. Encontros Virtuais

Os encontros virtuais tinham como objetivo apresentar estudos/pesquisas e refletir sobre a teoria e a prática. Esses momentos foram de suma importância para situar os alunos sobre a instituição, a sua metodologia de ensino, e também para introduzir a abordagem multisensorial como prática pedagógica no ensino das Artes. O público foi constituído por estudantes de Teatro que realiza-

ram estágio no projeto e professores de escolas da rede pública de ensino, participantes das ações de extensão. Participamos de 4 encontros com os seguintes temas:

- Educação da Infância – Proposta Pedagógica do NEI-CAP/UFRN;
- O Corpo em uma perspectiva fenomenológica na Arte Contemporânea;
- Inclusão e Acessibilidade Cultural;
- Linguagem Teatral na Infância: possibilidades multisensoriais.

Esses encontros foram importantes, não só para nos situar no ambiente que encontraríamos na etapa de observação e intervenção, mas também para introduzir outra percepção sobre o ensino, a partir de uma abordagem multisensorial como foco teórico-metodológico.

97

**Imagem 01:** Captura de tela em que os estagiários de Teatro conduzem a mediação do encontro, discutindo acessibilidade cultural.



Fonte: arquivo pessoal dos autores, 2023.

A mediação de um dos encontros ficou sob a responsabilidade dos estagiários com supervisão dos professores do NEI. Esse momento de troca de saberes foi muito rico, pois aprendemos com os relatos de professores experientes que vivenciam, cotidianamente, a sala de aula na rede pública de ensino. Também contribuímos com sua formação, trazendo nosso olhar para a área de Arte no contexto da linguagem teatral e da educação inclusiva, mediante suporte que recebemos no projeto. Essas experiências reforçaram o que nos diz Paulo Freire, quando afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 1996). Nessa perspectiva, o professor necessita estar envolvido em um constante processo de ensinar e aprender, reconhecendo seu inacabamento (Freire, 1996).

Os estagiários foram organizados em grupos para ler o artigo “Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência - Benefícios para todos”, de Viviane Panelli Sarraf, no sentido de ter uma ampla visão do assunto. Dessa forma, desenvolvendo a possibilidade de fomentar essas ações culturais. “Nesse sentido, promover a acessibilidade nos espaços culturais para pessoas com deficiência e novos públicos e propiciar a eles o protagonismo é trabalhar pela garantia do direito de participação de todo ser-humano na vida cultural da comunidade.” (Sarraf, 2013, p.24).

Norteando o andamento da pesquisa

dessa forma, inevitavelmente fomos ao encontro do que a autora acredita:

“para que a Acessibilidade Cultural deixe de ser uma promessa eterna ou uma preocupação sem solução factível no discurso dos gestores e produtores e transforme-se em uma condição inerente à produção cultural, é necessário considerar medidas que respeitem e garantam os direitos culturais das pessoas com deficiência, a importância de sua participação na criação de ofertas, acessíveis e considerem o Desenho Universal na adequação de ambientes, produtos e serviços.” (Sarraf, 2013, p.27).

Percebemos que os princípios da acessibilidade cultural podem ser utilizados em contexto escolar, sobretudo no componente Arte, que abarca as discussões da formação estética e cultural dos estudantes. Dessa forma, tivemos a oportunidade de desenvolver noções importantes para garantir a participação dos estudantes, respeitando seus limites e facilitando a participação de todos nos jogos teatrais propostos, sempre buscando torná-los acessíveis para todas as pessoas, independentemente da deficiência.

Nesse último encontro teórico, tivemos como missão apresentar à turma o que tínhamos lido e as conclusões que chegamos a partir do texto. Esse foi um momento de extrema importância para direcionar o foco multissensorial para trabalhar de forma inclusiva nas nossas sequências didáticas, nos ajudando a pensar para além do projeto no qual estávamos inseridos, mas em um contexto educativo geral, dentro e fora do espaço formal de sala de aula.



## 2.2. Observação

Seguindo o cronograma elaborado no projeto, desenvolvemos duas semanas de observação junto a um grupo de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino, do NEI-CAP/UFRN. A turma era composta por 20 alunos, sendo duas crianças público-alvo da Educação Especial, uma com autismo e outra com síndrome de down. É importante mencionar que o nosso grupo foi composto por 3 integrantes: Milena Araújo, Vitória Pires e Allana Oliveira.

### 2.2.1 – Estrutura

As aulas de Arte são conduzidas pelos professores da turma na sala de referência, a partir do diálogo do Tema de Pesquisa, metodologia adotada pela escola. Outro momento em que as crianças vivenciam Arte no contexto escolar é através de oficinas de Teatro, com mediação de um bolsista da área (professor em formação), sob orientação e supervisão de professoras da instituição que coordenam o Projeto Linguagem Teatral na escola da infância. Sendo assim, as crianças ocupam dois espaços para a aula de Arte. Além da sala de referência, as aulas ocorrem no Laboratório de Artes Visuais e Teatro da escola (LAVTE). Pela necessidade de abarcar as duas linguagens, percebemos alguns problemas estruturais. Apesar da sala ser ampla, apresenta alguns empecilhos para realizar aulas e oficinas teatrais, como por

exemplo: pias, armários, mesas e cadeiras, necessárias às atividades de Artes Visuais, e araras com objetos cênicos, figurinos, e outros elementos próprios da linguagem do Teatro. De um lado, consideramos de extrema importância ter esse espaço com diversidade de materiais em uma escola, de forma que os alunos tenham acesso aos artefatos culturais, por outro lado, consideramos que tais materiais podem dificultar o trabalho do professor de Teatro, pois limita o espaço disponível para ministrar as aulas, principalmente quando a turma tem mais de 20 alunos. O ideal seria dividir os espaços, sendo uma sala de criação e uma sala para ministrar aulas de teatro.

**Imagem 02:** Observação da oficina de Teatro no LAMEM.



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

Em outros momentos, percebemos que a aula também era ministrada no Laboratório de Música e Movimento (LAMM). Diferente do LAVTE, apesar de

ter também um armário e um piano, o LAMM apresenta um espaço maior para desenvolver atividades práticas, sem contar que possui o piso de madeira, o que torna a experiência teatral mais confortável.

Durante esse período, também foi possível observar o prédio da unidade de ensino como um espaço acolhedor e educativo. Isso desde a recepção da portaria ao chegar à escola, a relação da equipe pedagógica com os alunos e a equipe de coordenação. Sem contar que os prédios que constituem o NEI são bem estruturados, as salas bem equipadas, os espaços de convivência são ideais para promover a interação entre os alunos, além de promoverem o bem-estar e a relação com a natureza, o que é de extrema importância para a formação e desenvolvimento das crianças.

### 2.2.2 - Aulas

O período de observação foi crucial para se pensar as atividades que seriam desenvolvidas ao longo dos dias de intervenções. Foi importante para refletir como a turma se comporta com os estímulos, com as atividades propostas e principalmente para perceber o que eles entendem por teatro e qual temática seria interessante abordar com eles. A partir dessa etapa conseguimos observar alguns pontos que foram imprescindíveis para se pensar na proposta de intervenção, sendo eles:

As crianças se apresentaram com muita energia e euforia. Então, a ativi-

dade proposta deveria buscar um ponto de equilíbrio entre dissipar essa energia e acalmá-los;

Uma única atividade durante toda a aula faz com que eles percam o interesse e se dispersem, por mais interessante que seja;

As atividades devem ser feitas sempre em conjunto, para que todos tenham interesse em participar e colocar em prática. Dificilmente, exercícios em que um ou dois participam, por vez, conseguem mantê-los interessados.

A partir destas observações foi possível pensar em intervenções funcionais que trouxessem o teatro a partir de jogos multissensoriais, abarcando o Tema de Pesquisa da turma: O Japão.

2.3. O Tema de Pesquisa no projeto de intervenção

O Tema de Pesquisa adotado pelo Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP) é uma metodologia de ensino desenvolvida pela instituição, trabalhada desde a década de 1980. É pensada para respeitar os interesses da criança através do incentivo ao protagonismo infantil, no qual cada um tem autonomia para pesquisar o que desperte curiosidade, levando em consideração cada descoberta feita pelo aluno. Dessa maneira, são articuladas três dimensões básicas: o contexto sociocultural das crianças; os campos de saberes/experiências e as áreas de conhecimento e o nível de desenvolvimento das crianças.

A partir de relato de outros estudan-

tes da licenciatura em Teatro da UFRN que já haviam realizado estágio no NEI, tivemos um contato antecipado com a metodologia de ensino utilizada pela escola, mesmo antes de nos inserirmos no estágio obrigatório. Desde então, nutrimos o interesse e a curiosidade em participar de uma experiência dessa natureza e desenvolver algum projeto a partir do Tema de Pesquisa de uma turma. Nessa perspectiva, encontramos no Estágio III a oportunidade de desenvolver esse trabalho. Assim, nos deparamos como o desafio de planejar uma intervenção que trouxesse o Tema de Pesquisa “Japão” em interface como a abordagem multissensorial. De acordo com Victor (2012, p.58):

101

O Tema de Pesquisa é o modo que o NEI encontrou de realizar descobertas com suas crianças. Desde a década de 1980, alunos e professoras investigam diversos temas, como, por exemplo: animais, planetas, práticas culturais, fenômenos e acontecimentos. A partir dos Temas de Pesquisa, podemos estudar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza, e também podemos realizar muitas atividades envolvendo Arte e Movimento. O mais importante é que, com o Tema de Pesquisa, as crianças podem compartilhar o que já sabem e o que querem saber e, de outro lado, o professor pode ensinar o que elas precisam saber. Geralmente, os alunos ficam muito entusiasmados com a pesquisa, aprendem com muita diversão e curiosidade e passam a conhecer melhor o mundo.

O Tema da turma em que atuamos era “Japão”. Dessa forma, em diálogo com o professor supervisor e os professores da turma, optamos por trabalhar o teatro tradicional Japonês: o Teatro Nô e Teatro Kabuki, trazendo para discussões em sala, os elementos que estão

presentes nestas formas teatrais.

A partir de pesquisas feitas, não encontramos oficinas direcionadas para o Teatro Nô e Teatro Kabuki, que pudessemos adaptar. Então, como forma de ensino e aprendizagem, fizemos uso de jogos já existentes, que tivessem alguma característica trabalhada no teatro japonês e adaptamos para trabalhar de forma multissensorial.

É importante mencionar que os jogos teatrais são atividades lúdicas que exploram a criatividade, a espontaneidade e a expressão artística no contexto teatral. São ferramentas pedagógicas utilizadas para desenvolver habilidades como improvisação, trabalho em equipe e comunicação não verbal. Segundo Augusto Boal, em Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas (1995), “o teatro é a arte de fazer com que o espectador se perceba como sujeito da ação”. Assim, por meio da linguagem teatral com os jogos, foi possível se inserir na turma de forma a se aproximar e estabelecer um diálogo de uma forma mais efetiva.

### **3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: PROVOCAÇÕES MULTISSENSORIAIS NO ENSINO DO TEATRO NA INFÂNCIA**

Adentrando a fase de intervenção, as atividades concentraram-se em planejamentos com o grupo de estagiários responsável por turma, planejamento com o professor supervisor de ensino e aulas

junto às crianças. Nesse período, nos reuníamos para fazer pesquisas, aprimorar as ideias, montar o plano de aula para sua posterior execução em sala de aula.

### 3.1 - O Teatro Nô

No primeiro momento de intervenção, o Tema foi Teatro Nô. Iniciamos a aula fazendo uma roda e propomos um jogo de apresentação em que cada aluno tinha que falar o seu nome e fazer um movimento. Com alguns alunos essa atividade funcionou, mas por outro lado muitos alunos não queriam levar a sério e acabavam fazendo movimentos muito “brutos”, que poderiam machucar o colega. Mesmo assim, insistimos no jogo e conseguimos concluí-lo. Ao observar essa agitação, propusemos um combinado a eles, que quando eu cantasse “pa pa ra ra, pa pa”, eles deveriam ficar em silêncio. E de fato esse combinado funcionou, nos permitindo ir para o próximo momento da aula. Assim, todos sentaram em roda, e dialogamos com as crianças sobre a temática teatral oriental, perguntando, primeiramente, como eles achavam que se fazia teatro no Japão.

**Imagem 03:** Experiência sensorial. Crianças vendadas conhecendo alguns objetos relacionados ao teatro japonês Nô através do tato.



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

Após esse momento, introduzimos o Teatro Nô a partir dos elementos teatrais, falamos, por exemplo, que é um teatro para homenagear as pessoas que já morreram, que é comum utilizar máscaras, que as movimentações são muito ligadas às músicas que são tocadas, e falando isso, fizemos um exercício de percepção com a turma. Ainda em roda, vendamos todos os alunos e fomos passando de um em um com máscara de teatro, instrumentos musicais e o leque para eles sentirem as texturas, o peso, a temperatura e o tamanho. Nesse momento todos ficaram bem quietinhos e concentrados esperando o objeto chegar até elas, e à medida que íamos passando era interessante observar a curiosidade de descobrir o novo sendo despertada naquelas crianças, e a maneira com que cada uma reagiu ao objeto que estávamos passando. Vale salientar que sem-



pre respeitamos a vontade dos alunos de querer ou não colocar a máscara ou participar da oficina.

Ao passar esse momento, realizamos um jogo de mímica, que é uma das características do teatro Nô. Dividimos a turma em duas equipes nas quais dávamos um local em que as crianças deveriam construir esse local com ações. O grupo que estava assistindo, deveria acertar qual local era aquele. Por está no final da aula, eles já estavam um pouco dispersos neste momento, mas funcionou com as crianças que quiseram participar. Por fim, fizemos uma roda final em que as crianças tinham abertura para falar o que tinham aprendido e gostado de fazer naquela aula, evidenciando o protagonismo, que é um dos pilares da metodologia do NEI.

**Imagem 04:** Experiência sensorial. Crianças vendadas conhecendo alguns objetos relacionados ao teatro japonês Nô através do tato.



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

### 3.2 - Teatro Kabuki

No segundo momento de intervenção, trabalhamos o Teatro Kabuki. Dessa forma, começamos, novamente, com uma roda inicial de concentração, conexão com o corpo, espaço e com a turma, propondo um exercício de Yoga Infantil. Apesar do Yoga ser uma prática indiana, resolvemos trazer essa atividade para eles por ser mais lúdica e por acreditarmos ser o que iria funcionar, a partir do que vínhamos observando. Para relacionar com o Japão evidenciamos a concentração, a respiração e o silêncio durante a realização dessa atividade.

**Imagem 05:** Crianças realizando práticas de relaxamento

104



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

Após esse primeiro momento, todos sentaram em roda e iniciamos a introdução ao Teatro Kabuki a partir dos elementos que estão presentes neste

teatro, como a comédia, figurinos, maquiagem, música e os tecidos, e para isso, levamos também objetos para que os alunos pudessem ter contato. Porém, diferente da intervenção do teatro Nô, dessa vez, eles não estavam usando vendas, tendo contato com os objetos a medida em que o conteúdo ia sendo explicado. Após esse momento, dividimos a turma em quatro grupos, cada grupo deveria escolher uma pessoa para ficar vendada. A pessoa vendada ficaria no meio da roda formada pelo restante do grupo e iria dançar conforme a música. A função dos seus colegas era não deixar a pessoa se machucar. Nessa atividade foi possível observar que alguns grupos estavam levando a atividade à sério e fazendo tudo conforme as orientações, por outro lado, alguns alunos estavam tendo atitudes que acabavam machucando quem estava no meio e os colegas ao redor. Percebemos que não seria possível prosseguir com a atividade e retornamos à roda para conversar com a turma sobre essas atitudes, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. O trabalho junto às crianças é lúdico, criativo, mas também demanda intervenções para avaliação e mediação de conflitos. O Estágio nos permitiu perceber muitas nuances da sala de aula que contribuem e que dificultam o trabalho com a linguagem teatral na escola.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido junto às crianças com deficiência foi possível pois o planejamento do proje-

to já previa um trabalho inclusivo. Assim, a nossa proposta foi pensada para todas as crianças, de forma a adaptá-la caso houvesse necessidade, respeitando sempre os limites e individualidades de cada pessoa.

Nessa experiência, percebemos a necessidade de um olhar diferenciado para cada aluno. É necessário entender que as crianças estão em fase de desenvolvimento e formação de personalidade, sem esquecer do contexto na qual estão inseridas em um ambiente fora da escola. Se faz imprescindível atuar de forma objetiva, ensinando os limites de cada um, o respeito e cuidado com o corpo do outro, além de outros aspectos que precisam ser retomados para que a atividade prossiga de modo seguro, motivado e significativo, a fim de cumprir o papel de formação no qual estamos inseridos ao adentrar uma sala de aula para lecionar.

**Imagem 06:** Reunião presencial realizada com o coordenador do projeto para discutir nossos resultados



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

Como atividade final do projeto, sis-

tematizamos um relato de experiência para compartilhar essa prática em um seminário de extensão que foi aberto ao público interno e externo da Universidade. Tivemos a oportunidade de apresentar nosso trabalho e conhecer as propostas que foram implementadas por outros estagiários em diversas turmas. A reflexão sobre a prática pedagógica no Teatro pelo viés da multissensorialidade marcou esse momento, no qual dialogamos com nossos colegas e com professores da rede pública de ensino que estiveram presentes no evento de encerramento das ações do projeto.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no ensino de Arte, especificamente de Teatro, como uma prática multissensorial foi desafiador e nos permitiu ampliar a visão desse ensino na escola. Muitas questões atravessam esse universo que, em uma primeira análise, nos coloca em uma posição de impossibilidade, devido às intensas práticas teatrais corporais. Porém, na pluralidade cultural em que vivemos, é necessário redescobrir novas formas de ensinar e aprender, independente de qual linguagem esteja sendo trabalhada. O teatro é para todos e vem para ressignificar e desconstruir as posições personificadas na qual somos postos.

A educação inclusiva é um pilar essencial para o desenvolvimento e aprendizagem de todos, e trabalhar a multissensorialidade abre portas para

perceber o mundo ao seu redor, o seu próprio corpo, o corpo do colega, o espaço, os sons, e principalmente, faz com que se desenvolva o olhar sensível em uma perspectiva geral.

Trabalhar com essas crianças o teatro multissensorial, trazendo bases do Teatro Oriental Japonês, ampliou nossa visão para as possibilidades que existem dentro do ensino de Teatro na escola, pois inúmeras vezes ficamos presos aos padrões de ensino e não nos damos conta do que podemos fazer para transformar a prática educativa de forma a abarcar um outro olhar sobre os assuntos. Assim, é de suma importância incitar aos alunos, dentro da graduação, a importância de se pensar o teatro por outro olhar, dando a oportunidade de conhecer e desenvolver projetos que abarquem um teatro livre e para todos.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**: e outras poéticas políticas. Editora Cosac Naify, 2014.

CORDEIRO, Sandro da Silva. **Caderno faça e conte**. 2020. 350 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação, Sedis-Ufrn, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUSANO, Darci. **Teatro Tradicional Japonês**. Fundação Japão em São Paulo, Fevereiro, 2013. Disponível em: [https://fjosp.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/teatro\\_tradicional\\_japones.pdf](https://fjosp.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/teatro_tradicional_japones.pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Proposta pedagógica do Núcleo de Educação da Infância (NEI)**. Natal: UFRN, 2021. Disponível em: <https://nei.ufrn.br/instituicao/proposta>. Acesso em: 22 de mar. de 2023

SARRAF, Viviane. Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência - Benefícios Para Todos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Nº 6, junho de 2018.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula**. Tradução: Ingrid Koudela SP: Perspectiva, 2007.

VICTOR, Analice Cordeiro dos Santos. Tema de pesquisa: limites e possibilidades no Ensino Fundamental. Natal: NEI-CAP/UFRN, 2012.